

11.734
CONVERSAS PUBLICAS

OU

ORM
302
048c

CONFERENCIAS

FEITAS NA ESCOLA POPULAR

POR

ANTONIO DE ALMEIDA OLIVEIRA.

EM 1871.



S. LUIZ DO MARANHÃO.

PREFACIO.

Escriptor novel e fraco, julgo-me dispensado de mostrar que não é a vaidade, nem o amor á gloria que me anima a fazer esta publicação.

O meu fim é apenas provar ao publico que, embora tenha deixado a presidencia da Sociedade Onze de Agosto, não me tornei menos apologista da causa da instrucção, nem me sinto menos disposto para continuar ao seu serviço.

Este proceder, nenhuma circumstancia m'o pode vedar, ao passo que aquella resolução foi-me imposta por motivos superiores á minha vontade.

Os leitores, que desejarem conhecer esses motivos, achal-os-hão expostos com toda a franqueza na primeira parte deste escripto.

Os que, porem, não estiverem n'esse caso, saltando algumas paginas encontrarão outros assumptos.

I

Demorar-me-hei aqui mais do que dezejára; porem conto com a desculpa do leitor. Preciso de remontar ao principio da Sociedade.

X Custa a crer, mas é certo, e com magoa o digo, ha entre nós muitas pessoas, que se podem chamar os zoilos de todas as emprezas, que não têm character particular. É para ellas tão frouxo o amor ao bem geral, que não acreditam possa este ser o movel de quem se apresenta em publico a propu-

gnar por qualquer util instituição. Mal se externa a ideia desencadeiam contra ella todas as suas iras, e só descansam quando lhes parece tel-a desacreditado.

Ainda se combatessem só a ideia, dir-se-hia: é seu modo de pensar!!! Mas não é esse o unico objecto da sua maledicencia: esta procura tanto desacreditar a empreza como ferir a réputação dos individuos, que a conceberam.

O pobreprehendedor não tarda, pois, a ouvir um amigo perguntar-lhe: sabes o que andam dizendo?—que és um hypocrita ou um especulador, cujos fins pessoas para adiante se conhecerão. E como estas muitas outras *amabilidades*, que por vergonha nossa deixo de referir. X

Foi esta a sombra, que cobriu o berço da Sociedade Onze de Agosto. Eu e meus companheiros publicámos pela manhã o nosso pensamento, e á tarde já elle dava que fazer. Não era possível que elle só merecesse o respeito desses disvirtuadores das alheias intencões! Mais de uma vez ouvi os miseraveis boatos, que á respeito se propagaram, e mais de uma vez deplorei o atrazo desta *Athenas brazileira*!

Não obstante todos os *fallatorios*, que eram na verdade para desanimar, mas que felismente podemos vencer, fundamos a Sociedade e abrimos a Escola, que ella se propunha crear, no meio da geral satisfação já dos cidadãos, que concorreram para esse grato acontecimento, já dos que, sem estarem nessas circumstancias, alheios á prevenções viam nelle um importante passo para o nosso progresso.

Dentro em pouco, porem, ou por que houvesse passado a epocha do entusiasmo popular, ou porque esta cidade não tenha meios de sustentar uma associação de vistas tão largas, e cujos trabalhos exigem despezas grandes e certas, a influencia quer dos socios quer dos alumnos começou a esfriar. Uns socios se despediram, outros não pagaram as suas

contribuições, e as aulas, que à principio regorgitavam de gente, quazi ficaram sem alumnos. A aula de geometria, por exemplo, apesar das habilitações do seu professor, ficou com seis ou sete ouvintes, e a de primeiras lettras, que houve tempo de contar perto de cem, muitas vezes chegou a funcionar com menos de trinta!

Este estado — não posso dissimular — ainda se aggravou com uma circumstancia.

Procurando o governo animar a instituição distribuiu condecorações por alguns dos seus membros, e mesmo por outras pessoas, que fizeram donativos em favor do projecto formado pelo presidente da provincia de mandar construir um grande predio para a instrucção publica, predio, que muita gente diz ser a futura séde da Sociedade Onze de Agosto.

Mas o governo que *por sua natureza* não comprehende ser esse o peor meio de fomentar o patriotismo dos cidadãos, e que — cousa certa — não intervem nos actos da iniciativa individual senão para perturba-la ou destrui-la, bem longe de conseguir o seu intento, desfechou um golpe terrivel na pobre Sociedade Onze de Agosto.

Não direi que o acto do governo fosse o pomo da discordia atirado no meio dos associados: justiça seja feita aos que elle não comprehendeu. Mas o que não se pode negar é que ellê foi a confirmação dos boatos, que acima referi, e portanto o germen de um grande descontentamento da parte do publico. Reclamações e reclamações appareceram logo nas gazetas, já pelo intempestivo dos premios, já pela injustiça com que elles foram distribuidos, e uma até houve, que comparando a Sociedade Onze de Agosto com a Sociedade emancipadora de captivos, perguntava com admiração *porque motivo nenhum membro desta havia merecido as graças do governo?*

Á vista disso, por mais defensores que tivesse a munificência imperial, não eram menos frequentes os juizos desfavoráveis á Sociedade, nem menos antypathica a sua attitudede. Nas lojas, nas boticas, nos salões, em toda a parte, constituíam as condecorações o assumpto da conversa geral. E repugnando-me o pensar que fosse por inveja, pois não sei como se invejem cousas tão insignificantes e tão frivolas, só parecia que a opinião publica se indignava com o procedimento dos condecorados, vendo na sua recompensa o fim pessoal, que á principio occultaram.

Era isso uma grave injustiça, que se nos fazia. Creia-me ou não o leitor, posso jurar em minha honra que nunca me passou pelo espirito a ideia de poder merecer algum premio do governo; e quando passasse, os meus principios logo me mostrariam estar inhibido de accital-o. Quanto aos meus companheiros, não sei se neste ponto pensam diversamente; mas não acredito —devo dizer— que elles esperassem ou pedissem as suas condecorações.

Como quer, porem, que seja o certo é que de tudo isso não podia resultar senão o descredito da nossa empreza.

Com effeito, desde então tornou-se impossivel contel-a no descalabro, em que ella corria para a sua total desppopularisação. Os socios que até ahi se despediam sem dizerem porque o faziam, francamente declaravam que *á sua custa ninguém teria fitas*; e os alumnos mesmos tornaram-se ainda menos assiduos, de modo que Sociedade e Escola cahiram n'uma apathia de morte.

Decorreram assim alguns mezes. Em taes condições era indispensavel que se provocasse uma reacção vivificante, e eu pensei que o melhor meio seria festejar-se solemnemento o anniversario da Sociedade, e solicitarmos alguns donativos para serem vendidos em leilão á favor do cofre social.

Quando, porem, se tractava da execução deste pensamento, não sei que director se lembrou de amplial-o, propondo se tocasse um fogo de artifício, ao qual só assistissem as pessoas que dessem á Sociedade certa quantia, e assim resolveu-se que seria aproveitada esta ideia, se o Sr. Joaquim Marques Rodrigues nos cedesse por alguns dias o seu terreno murado á rua dos Remedios, unico local que para isso poderia servir.

O terreno obteve-se facilmente, graças á generosidade do proprietario, e á bondade das pessoas, que á meu pedido o foram solicitar—os Srs. Ennes de Souza e Custodio Belchior. E já que disso fallo seja-me licito testemunhar-lhes publicamente a minha gratidão.

Tornando por isso a reunir-se a directoria da Sociedade, procurou ella entre todos os alvitres propostos saber o que mais vantagens offereceria, e deliberou que se fizessem os festejos, que o publico viu nas noites de 7 e 8 de Setembro.

Eu muito me esforcei para que elles se realisassem. Parecia-me que quando não dessem grande lucro á Sociedade, produziriam um effeito moral muito importante —o de tirarem a Escola do seu abatimento, chamando para ella a attenção do povo, e fazendo-lhe medir a sua bondade pelos sacrificios, que nos merecia.

Sahiram as cousas desse modo. Fallou-se largamente na instituição, e á parte alguns pyrrhonicos, que ainda fizeram allusões ás *fitas*, muita gente como que agrupou-se em torno della. Assim, com quanto não fosse muito extraordinaria a concurrencia, moços e velhos de ambos os sexos e de todas as qualidades compraram bilhetes para os festejos, sem que ninguém com elles para isso insistisse, e a ideia em fim pareceu sahir da sua apathia, tanto que as aulas logo empoz-se encheram. Mas o resultado pecuniario foi insignifi-

cante ; porque a nossa inexperiencia nestes negocios, juncta ao receio de desagradar, não poude evitar que as despesas fossem muito crescidas.

Era o effeito moral, como se vê, por si só muito bastante para contentar aos mais exigentes.

Entretanto nem todos os directores assim pensaram, sendo o que mais notavel se tornou o Sr. Dr. Coqueiro.

Dahi uma serie de arguições da sua parte para commigo. S. S. vendo aquella realidade, dizia *em publico* á todas as pessoas, que queriam ouvir, que não fora consultado nem dera o seu voto para os festejos, assim como que elles fizeram grave mal á Sociedade; porque, tendo-se *exigido* do publico um grande *sacrificio*¹ para nenhum resultado se obter, noutra occasião ninguem quereria favorecel-a. Ainda mais: S. S. procurava tornar-me unico responsavel por esse successo, como se não se tractasse de um corpo colectivo, onde a maioria é que delibera, e um voto só nada pode fazer.

Importa notar que o Sr. Dr. Coqueiro, de quem, pelas nossas relações, nunca esperei que assim procurasse desprestigiar-me, e que só indicava aproveitar o ensejo afim de dar pasto á algum antigo e para mim desconhecido resentimento, posto não deliberasse com os mais directores sobre os festejos, soube do projecto e teve tempo de ir ao estabelecimento da Sociedade para evitar a sua realisação. Appello para a sua consciencia. S. S. já o negou uma vez; mas não

(1) Grande sacrificio!... Os preços dos bilhetes foram: para as duas noites, cada familia 10\$000 rs.; cada cavalheiro 5\$000 rs.; entrada geral só na segunda noite 1\$000 rs.! Mais tenho dado e visto dar sem constrangimento por beneficios theatraes, isto é, por algumas horas de distracção em favor de qualquer comico estrangeiro e máu, que implora a publica protecção. E depois é inexacta essa ideia de exigencia. Quando se enviaram os bilhetes pediu-se aos destinatarios que os devolvessem no caso de não os quererem. Assim só os accitaram aquelles que quizeram.

deixo de lembrar-lhe aquella noite, em que nós e o Sr. Silva á esse respeito conversámos na casa deste, assim como o convite, que então fiz á ambos para comparecerem no lugar das deliberações na noite seguinte. E mais tempo teve ainda, por que nessa noite mesmo nada se decidiu. Tendo parecido excessivo o orgamento das despesas feito pelo Sr. tenente coronel Romeu, mandou-se pedir outro ao Sr. Areias, e só dias depois o do primeiro foi aceito.

Ora tendo chegado á este ponto seja-me permittido perguntar: *quem nas minhas condições não se sentiria offendido com semelhante procedimento da parte de uma pessoa, que se lhe mostrava amiga? quem pode acreditar que os directores da Sociedade Onze de Agosto promovessem os taes festejos com animo de arruinal-a? haverá situação mais difficil que a daquelle que se esforça por conseguir um fim collectivo, e vê que seus companheiros não fazem justiça ás suas intenções?*

Respondam por mim os homens sensatos. Não tenho medo do seu juizo.

Quando trabalhamos sosinhos nem sempre é motivo para desistirmos de um intento o modo injusto porque somos apreciados. Mas outrotanto não succede quando é preciso combinar esforços, e proceder de harmonia com aquelles mesmos, que não nos fazem justiça, ou que não sabem soffrer uma contrariedade sem quererem á fina força inculpal-a á quem não tem culpa. Então a desistencia é natural e necessaria. Feita ella cada um procurará novos auxiliares entre pessoas que o saibam entender.

Foi simplesmente o que fiz, deixando a presidencia da Socieda Onze de Agosto. Quero dizer: convenci-me de que a minha presença á frente da sua directoria era um prejuizo ou um embaraço á realisação das ideias de outros mais bem

intencionados, e, conservando o meu lugar de socio, deixei de tomar parte na sua administração.

Praza á Deus que o meu successor e seus dignos compañeros nunca encontrem diante de si obstaculos capazes de demovel-os de seu louvavel empenho.

II

Agora duas palavras sobre as Conversas Publicas.

Sahirá cada uma em um folheto como este. Escolhi esse meio por me parecer mais commodo para mim e para aquelles que quizerem possuil-as. Assim eu terei mais tempo para escrevel-as, e elles mais facilidade para compral-as.

Entre a dicção oral e a escripta quazi nenhuma differença existe quanto ao fundo dos pensamentos. Algumas ideias, que lhes acrescentei, não farão com que os desconheçam as pessoas, que me fizeram a honra de ouvir-me. A forma sim variou, e muito talvez, por não terem sido estenographadas as minbas palavras.

Quanto ao plano, que me tinha traçado, verà o leitor qual seja na 5ª Conversa.

Está elle bem distante do seu fim, ou muitas Conversas ainda faltam para encher-o. Mas já que não pude continual-as onde as comecei, espero breve se me proporcione para isso outro lugar. Se entretanto publico as que estão feitas é pelo motivo que acima fica declarado. Abandonei o lugar de honra, que me deram; mas não reneguei minhas crenças á respeito da intrucção popular. Bem ao contrario cada vez mais penso que ella é a unica taboa que ha de salvar-nos da geral dissolução para que caminhamos.

Ensinarão os meus folhetos alguma cousa?—Outros que entrem nessa apreciação. Quanto á mim, na incerteza, em

que me acho, lanço a mira á outro ponto, e digo simplesmente : Se não ensinarem uma razão terei para me contentar. É que despertarei o estímulo de outros, á quem favoreçam melhores condições para pleitarem a causa, que me preocupa. Se ensinarem conto que todos os leitores zelosos do nosso adiantamento apoiarão as minhas ideias, ou farão por defendel-as e traduzil-as em realidades.

Não tem o leitor visto o que succede áquelle, que, sem o saber, mette-se a jogar na presença de um consummado jogador?—Este põe-se de parte e observa. . . Se elle vai mal dóe-lhe a paciencia, toma-lhe as cartas e assenta-se no seu lugar. Se por acaso vai bem, ampara-o e ajuda-o a triumphar do seu antagonista.

Procedam assim commigo os homens illustrados. Amparado ou substituido, ficarei contente com o que elles fizerem.

Maranhão, 20 de novembro de 1871.

Antonio de Almeida Oliveira.

CONVERSA PRIMEIRA.

A sociabilidade e o poder
da associação.

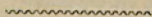
CONVERSA PRIMEIRA

CONVERSA PRIMEIRA

CONVERSA PRIMEIRA

ADVERTENCIA.

Algumas cousas direi já conhecidas só para dar lugar á que sobre ellas se reflecta. Ao meu ver uma das razões, porque as boas ideias nem sempre se realisam, é o insistir-se pouco nellas.



Muitos pensamentos achará o leitor aqui como meus, que entretanto não me pertencem senão no sentido de que a verdade uma vez conhecida e proclamada é do dominio de todos. Se assim faço não é com intenção de arrogar-me a gloria dos seus auctores. As citações delles seriam tão frequentes que eu fallaria com um aparato de erudição, alem de enfadonho, muito improprio do meu fim.

A SOCIABILIDADE E O PODER DA ASSOCIAÇÃO,

Sabeis que dez pequenos signaes, que pouco ou nada valem separados, pela combinação de uns com outros podem compor e exprimir todos os numeros imaginaveis? E' o que acontece com os homens: isolados e sosinhos pouco ou nada podem; reunidos e combinados podem tudo.

(Do auctor.)

Traz-me aqui, senhores, a necessidade de cumprir um dever, que me impõe não tanto a qualidade de cidadão brasileiro, como a de presidente da Sociedade promotora da instrucção popular. Um dever sim—e rigoroso é elle—deixai-me dizer isso antes de tudo; por que sei como é grata a ideia do cumprimento do dever, imagino quanto com ella sympathisaes, e assim fico certo de merecer a vossa benevolencia, garantia, que eu não podera dispensar. Sem ella ficaria desalentada a esperanza de ser bem succedido no meu intuito, e faltar-me-hiam as forças, de que necessito para sustentar-me na difficil posição, que me tenho creado.

Todo o homem, que está no caso de fazel-o, tem obrigação de instruir seus semelhantes, ou de concorrer pelos meios ao

seu alcance para elevar-se o nível moral da sociedade, em que vive, de modo que cada membro desta possa prestar á consecução do seu fim um concurso intelligente e harmonico, já como testemunha, já como eleitor, funcionario publico, jurado e parte do tribunal, que a civilização moderna venera como divindade sob o nome de opinião publica.

Esta verdade, á ninguem é dado o negal-a, sobretudo quando se observa o pendor, em que o mundo inteiro corre para a realisação desse brilhante sonbo de Platão, que se chama democracia. Digo mesmo que o espirito mais alto e mais douto seria incapaz de applicar os seus principios, com probabilidade de colher os fructos de que sam susceptiveis, onde a a instrucção não é a senha, que dá ingresso ao magestoso edificio que elles construem. Edificio, templo é a sua especie, cuja entrada guarda a razão, cujas naves formam a dignidade humana e o recto syndico dos verdadeiros interesses sociaes, e cujo sacrario encerra, lado á lado estabelecidas, a liberdade, a igualdade e a fraternidade de todos os homens, não se comprehende que nelle saiba entrar e haver-se quem não tem os conhecimentos necessarios para privar e se familiarisar com tão altas idéias. Pudibundas sibyllas christans é preciso que cada um saiba o melhor meio de fallar-lhes nos seus sagrados asylos.

O que dirieis do individuo, que de sapatos, corpo e vestuario sujos pretendesse entrar num esplendido palacio, afim de partilhar os commodos, que elle possui? Imaginai um carvoeiro ou um lavrador, que larga á noite o seu serviço todo coberto de poeira e de suor. . . Esse homem dentro de um palacio, e no meio de uma brilhante sociedade, que triste espectáculo não daria? que uso poderia fazer das baixelas, dos assentos, dos leitos, dos objectos em summa, que fossem postos á sua disposição? —Compreendeis per-

feitamente que um tal hospede ou teria medo de tocar nessas cousas por não se suppor em estado de gosar-as, ou, á não ter esse escrupulo, tocaria em tudo para tudo inquinar da esqualidez de seu corpo. Se pegasse n'uma toalha ficariam nella impressos os seus dedos. Se se encostasse á uma colcha ficaria inutilisada. Se sua fronte roçasse um reposteiro ou uma cortina,ahi deixaria o signal da sua passagem. Se finalmente suas mãos tocassem nas roupas dos compa-
nheiros, clamariam estes contra o prejuizo do seu contacto!

Eis — cada cousa na sua ordem—o que pouco mais ou menos se daria com o ignorante que pretendesse entrar e deliberar no templo da democracia. Luz que sobre todos se es-
parge, e que fomenta todas as aspirações, sendo a ordem das precedencias marcada não pelo nascimento e pela fortuna, mas pela capacidade e pela virtude, é impossivel assegurar á todos o gozo desses bens sem se lhes impor a condição de que cada um, se assim me posso exprimir, limpe o seu espirito e por esse meio se colloque em estado de proceder sem prejudicar os outros. Assim da mesma forma que no patamar da escadaria do palacio se deve dizer ao peregrino, carvoeiro ou lavrador—«sacode o pó das sandalias, lava o corpo e muda a roupa»—é preciso inscrever-se no vestibulo desse templo, como aviso perpetuo a quem o demanda, — «espanca as trevas do teu espirito»—sob pena de ir macular e profanar tudo quanto nelle ha de augusto bello e respeitavel.

Pode-se dizer mesmo que o fim dessa condição não é simplesmente evitar prejuizos: é tambem impor a dedicação. Quem ali entra sem ter satisfeito a condição do ingresso é como um cego diante de bellos quadros, á quem se dissesse —«contempla o azul d'aquelle ceu! admira o colorido d'aquella perspectiva!»— ou para variar como a tropa de ani-

maes, que a fabula agrupa ao redor da lanterna magica, sem nenhum poder apreciar as suas maravilhas. Consequentemente ao passo que sem instrucção o individuo ou nada comprehende, ou não pode apreciar todo o esplendor do templo, com ella sabe o que elle representa, adora por bemfezas as suas divindades, e, crente apaixonado e fêrvido, não concebe como se possa ter outro culto, nutrir outra aspiração ou procurar outro destino senão o do reinado, que ellas apregoam.

Disse-vos, senhores, que trouxe-me aqui não tanto a qualidade de cidadão brasileiro, como a de presidente da Sociedade Onze d'Agosto. Não leveis á mal essa declaração.

Filho destas abençoadas regiões comprehendo, como aca-
bo de vos mostrar, o dever que me corre de ajudar os igno-
rantes a sacudir as cadeias da sua escravidão. Avalio mes-
mo quanto possível o gráu de interesse que eu proprio teria
no dia em que visse os brasileiros, ao menos pela maior par-
te, em estado de comprehenderem a sua missão como ho-
mens e como cidadãos. Nesse dia seriam confundidos e ex-
tirpados todos os prejuizos e todos os vícios, que hoje se to-
leram por ser muitas vezes maior o numero das pessoas,
que os praticam que o d'aquellas, que os profligam. Nesse
dia o Brazil mudaria de face. Em seu seio se operaria uma
dupla reforma — reforma de costumes e leis e reforma de
commodos e gosos. Nesse dia o rico solo, que pisamos, es-
trugiria sob os pés de uma população intelligente e activa,
anciosa de praticar feitos tão grandes como as suas selvas,
as suas minas, os seus rios e os seus montes, ávida de che-
gar ás regiões do grande e bello ideal politico, de que ha
pouco vos fallei. Nesse dia por consequente seriamos ricos
e felizes no interior, dignos de respeito no exterior.

Mas tudo isso não me animava a fazer-me paladino de tão

sancção cruzada. De uma parte a consciencia do pouco que valho, de outra a certeza de que em mais felizes condições outros cidadãos possuidos das mesmas ideias não se abalancavam á tamanho commetimento! faziam-me permanecer em especção até que me achasse em melhores circumstancias.

Corria-me assim o tempo quando fui convidado para coadjuvar a fundação da Sociedade Onze de Agosto. Não era todavia possível deixar de acceder á esse convite. Quebrado o meu proposito e aceita a ideia com enthusiasmo, puz toda a minha dedicação ao seu serviço.

Entretanto eu que julgava ser-lhe util como simples auxiliar, como conductor de materiaes para a sua grande obra, fui sem merecimento algum posto no seu mais honroso lugar. Ora, bem vêdes, collocado nessa posição contrahi deveres, que não mais me permitem alimentar certos escrúpulos. Se noutro tempo a minha inacção podia escapar á censura, o mesmo hoje não succederia, hoje que bem ou mal me acho feito presidente d'aquella joven associação. Quando muitos consocios se offerecem para ajudal-a com a sua palavra, eu não poderia deixar de imital-os sem tornar-me duplamente indigno da honra, que me conferiram—indigno por não tel-a merecido, indigno por não me esforçar por merecel-a.

Em tão espeziaes condições a vontade converteu a fraqueza em força, o desanimo em audacia, e decidi-me a vir aqui aos domingos conversar com os alumnos da Escola Popular sobre certos assumptos moraes e sociaes, cujo conhecimento reputo de grande interesse para elles e para a sociedade em que vivemos. Assim, senhores, o desejo de vulgarisar, sem tom escolastico nem aparato de erudicção, algumas ideias, que me parecem esquecidas, e que por isso não

sam entre nós realizadas, apesar da sua grande importancia para a reforma dos nossos costumes e o progresso da nossa civilisação, é o motivo pelo qual tenho a honra de vos falar.

Da utilidade do meu trabalho nada vos direi. Todos vós podeis avalial-a; e mesmo poderia parecer vaidade em mim o louvar eu mesmo as minhas occupações.

Quanto ao exercicio d'elle, não obstante meu fim ser mais lembrar que ensinar, menos supprir uma falta do que despertar uma util emulação, conheço que assim mesmo é difficil, senão impossivel ver o bom exito coroar os meus esforços. Mas afianço-vos que estou disposto para isso. A ideia é grande, e eu não tenho pena de immolar em suas aras nem o prazer, que desfructaria de mostrar-me na altura della em outra occasião, nem o conceito qualquer que seja de que possa gosar entre os meus conhecidos. Só desejo que no lugar da minha queda appareça quem melhor saiba servil-a.

Demais, senhores, (permitti que alimente esta ousada esperanza) o trabalho que emprehendo não é novo senão aqui, nesta cidade. Na Europa, na capital do Imperio mesmo muitos espiritos cultos á elle se dedicam; e seus livros ainda que com difficuldade poderão ser por mim consultados á medida que for precisando. Encarado por esta face, é claro, o meu proposito reduz-se a expender-vos em linguagem concisa e simples o que sobre cada assumpto, que eu escolher, está escripto em elevado portuguez, em francez, ou noutro idioma, que eu saiba traduzir. Ora isto não é muito para quem deseja o progresso da sua terra natal, tem consciencia de que elle não pode ser conseguido senão por meio da instrucção popular, e acredita que uma fé viva no futuro e em Deus tem o dom de reanimar as forças mais desfallecidas.

A gloria scientifica —do que levo dito se depreheende— estou bem longe de ambicionar. Faltam-me para isso todos os elementos. A do trabalho, porem, e a de ser um dos primeiros a tentar entre nós este ramo de educação, que tanto tem concorrido para a prosperidade de outros paizes, essa eu desejo ardentemente, e confio que me não será recusada.

Assim motivo não será para desistir do meu intento o negarem-me os homens illustrados os seus encomios. Dos homens do trabalho industrial, ou de todos aquelles cidadãos, que por falta de estudos poderem achar novidade e utilidade na minha palavra, desses é que quero animação e assistencia. Á elles é que me voto, o seu bem é que aqui me traz; se á elles não for util sim, recolher-me-hei ao asylo da minha obscuridade, exclamando como o poeta, contente commigo mesmo. —«Na grande empreza até a queda é nobre».

Eis aqui senhores, o exordio das nossas conversas. Nelle não dissimulei receios nem esperanças. O meu pensamento, os meus meios, o meu fim, tudo vos fiz conhecer com exactidão e fidelidade. Se vos parece, pois, que mereço ser animado, passarei a dar-vos conta do meu estudo sobre o assumpto, que primeiro attrahiu a minha attenção.

É a materia da nossa primeira conversa —*a sociabilidade, que naturalmente existe entre os homens, e o poder da associação.*

O porque tem isso lugar é de facil intuição. Um dos primeiros factos que prendem a attenção do homem, logo que este começa a desenvolver-se, é que elle vive em reunião com seus semelhantes, e que, como elle, todos os outros homens obedecem ao mesmo principio ou sam inseparaveis da sociedade. Sua intelligencia como que desabrocha por perguntar á si mesmo qual a razão ou qual a lei que o

obriga a viver em sociedade. E posto não lhe seja difficil assentar que a sociedade é melhor que o isolamento, nem todos se convencerão de que ella é a primeira condição da existencia racional e da felicidade do homem, e de que este lhe foi por tal forma destinado que não pode evital-a ainda querendo.

Digo *existencia racional e ainda querendo*: peço-vos que pezeis bem estas palavras. Fôra da sociedade o homem, depois de crescido, poderá sim viver, mas só vivirá como os brutos, isto é, sem manifestar o caracteristico, que o separa destas creaturas a —razão— faculdade sem a qual o homem não é o homem. Alem disso o individuo mesmo, que detestar a sociedade e quizer viver longe dos seus semelhantes, quasi nenhum passo dará em sua vida, que não seja dependente do principio da associação mais ou menos desenvolvido. Ora tendo eu de fallar-vos sobre o viver social, que reputo mais proprio para crear homens livres, e conduzil-os dignamente á felicidade, pareceu-me necessario esclarecer primeiro aquellas verdades, mostrando-vos até que ponto somos dependentes da sociedade, ou dizendo-vos em todo o seu alcance quaes as razões, porque nella vivemos, quaes as vantagens, que della tiramos.

Senhores, o viver em sociedade é uma necessidade physica e moral da nossa natureza. Ella resulta já das nossas boas qualidades, já das nossas imperfeições, e por isso que tende a corrigil-as e completal-as, segue-se que a sua satisfação constitue um direito e um dever ao mesmo tempo.

Ser physico ou ser moral, mostra a experiencia todos os os dias que sem os cuidados de seus pais e a educação de sua familia o homem não pode, no primeiro caso alimentar seu corpo e crescer, no segundo desenvolver seu espirito

e dotal-o dos conhecimentos indispensaveis á vida. Ora se o homem, physica ou moralmente fallando, começa o existir por não poder dispensar os cuidados de seus pais e a educação de sua familia, é evidente que pais e familia constituam a sua primeira sociedade, ou que as mesmas condições, em que elle se acha nas portas da vida, mostram que a natureza o destinou para viver no estado social.

Não se conclua d'aqui que a sociedade só serve para a infancia. Se o homem depende della para conservar sua infantil existencia, não dependê menos para conseguir a felicidade em outros dias. A sociedade é a origem tanto do amor, que elle sente, como do que elle excita, e por consequente de todos os sentimentos e de todos os gosos moraes, que lhe é dado experimentar. Não ha uma de suas acções, que directa ou indirectamente deixe de ter relação com aquelles entre os quaes elle vive; e posso mesmo dizer que difficilmente se achará em sua vida um momento no qual as affeições sociaes, sob esta ou aquella forma, não exerçam poderosa influencia, já nos seus desejos, já nas suas ideias, já nas suas resoluções.

Os individuos, que pretendessem viver isolados e izentos dessas affeições, que vida passariam? Igual á dos selvagens não; por que estes —rude como é a sua communicação— vivem ligados por domesticas sympathias e amizades, e têm uma terra commum, que amam talvez mais do que amem a sua muitos homens civilisados! Ingratos filhos da vaidade e do odio, com o vosso immortal espirito e todas as admiraveis faculdades, que este possue, mas que só a sociedade pode desenvolver, sabeis à que ficarieis reduzidos? A uma nova especie de animaes bravios! e, o que ainda vos faria inferiores aos outros, animaes sem forças, que vos defendessem dos mais fortes, que vos cercam, e com os quaes

muita vez terieis de sustentar perigosas lutas ! Miseraveis dentro das cavernas, mais miseraveis fóra dellas !

« Sossinhos e solitarios, pergunta Seneca, o que seriamos?
 « —preza e victima dos outros animaes; preza facil de fazer;
 « victima ainda mais facil de destruir. Os outros animaes
 « encontram sufficiente protecção na sua força. Se vi-
 « vem no isolamento têm poderosas armas para se defende-
 « rem. O homem só não tem unhas nem dentes, que o tor-
 « nem temivel. Fraco e nù como nasce é a sociedade, que o
 « ampara e protege. Sem ella nunca elle submetteria os
 « outros seres ao seu poder. Sem ella nunca elle es-
 « tenderia seu dominio sobre a terra e sobre o mar. Sem
 « ella elle não teria quem o tractasse nas suas molesti-
 « as, quem na velhice o abrigasse da miseria e da fome,
 « quem o confortasse nos grandes embates da vida.»

Portanto as faculdades, as tendencias, as necessidades quer physicas quer moraes da nossa natureza, ou a dependencia em que desde o nascer cada um está do soccorro dos outros para poder sahir da vida animal e desenvolver-se, tudo revela a sociabilidade natural dos homens.

Mas, senhores, parece-me que ainda não vos disse tudo : acho que para dizer-vos até que ponto o homem depende da sociedade é preciso adduzir considerações mais concretas. E como ellas só nos poderão ser fornecidas pelos factos mais ordinarios da vida, espero me permitireis descer á exemplificação, esse espelho á luz do qual só resistem as verdadeiras proposições. Poucos exemplos vos mostrarão o que é o homem divorciado da sociedade, ou como as cousas mais simples o convencem de que elle não pode viver no isolamento.

O homem quer construir uma casa, e deseja fazel-a sem auxilio de outrem, porque tem braços e intelligencia. Mas o que fará elle com seus braços e sua intelligencia? —Á

menos que entenda por casa algum simples *tujupá*, vos asseguro que ha de morrer antes de tel-a acabado. Nós não temos o imperio da força. Se sem termos a força dos brutos levantamos pezos que elles não levantam, e fazemos trabalhos, que elles não fazem, é só porque sabemos combinar as forças que possuímos, ou multiplical-as por meio da co-opeção, ao passo que os brutos, que nasceram para viverem dos seus unicos recursos, sam incapazes de comprehender esse segredo. Deste modo o nosso vaidoso architecto como ergueria sosinho o pesado madeiramento do seu edificio? Tivesse elle muito embora a força dos mais fortes animaes, o que seria ella para esse e outros trabalhos da vida? quem só por possuir vigorosos animaes se julgaria independente dos seus semelhantes? já ouvistes dizer que os homens não precisam uns dos outros nos paizes, em que ha elephantes e camélos? Por outro lado, para que um homem só podesse fazer uma casa fôra-lhe preciso ser ao mesmo tempo carpina, pedreiro, ferreiro, pintor &, officios esses, cujo apprendizado lhe consumiria grande parte da vida, e apenas marcaria meio caminho da sua empreza.

Eu quero fazer um par de sapatos sem nelles empregar cousa alguma, que me represente trabalho de outrem, ou que me lembre que eu dependo dos meus semelhantes. O que me acontecerá? —Primeiro que eu adquira e prepare o couro, a linha, a cêra, o panno para forro, as brochas, a torquez e tudo mais que for necessario, terei andado muitos dias descalço, e sacrificado um tempo immenso á minha vaidade, sem certeza de conseguir o meu intento, pelo menos com toda a probabilidade de fazer uma obra imprestavel e inutil.

O que acontece com os trabalhos materiaes, acontece igualmente com os intellectuaes e moraes de toda a sorte.

Admiraes a Descartes, Newton, Leibnitz e outros grandes homens, que sosinhos nos seus gabinetes têm feito mais que as suas gerações? Eu tambem os admiro. Mas sabeis que os talentos não fructificam senão ao calor do estudo e á luz da experiencia commum. Se, pois, aos livros desses genios tirarmos o que lhes deu a educação e o estudo, veremos que elles mesmos foram em seus principios verdadeiros pygmeus, e só dominaram a multidão porque a multidão os sustentou.

Fôra da sociedade ninguem poderia fazer efficazmente o bem. Circumscripito aos recursos de um só individuo, o bem o que seria? É claro que a miseria surgiria sob seus passos, e se elle se obstinasse em combatel-a, acabaria por se arruinar.

Sem o laço social de que utilidade seríamos para nós mesmos quando se tractasse de resistir á um usurpador do nosso territorio ou da nossa liberdade? Ao poder mesmo que formamos como resistiríamos quando fosse necessario? Á um partido, que predomina no Estado, e que se torna oppressivo, porque seus amigos occupam todos os empregos, e dispoem de todas as forças organisadas, que defeza poderíamos oppor? — Como os homens bem intencionados do partido contrario não podem transpor as barreiras, que os separam do poder, é indispensavel que nos associemos com elles, que estabeleçamos em commum a nossa defeza, que opponhamos a força moral da associação a força material, que nos opprime. Do contrario elle se tornaria cada vez mais violento e injusto, nosso direito a ser livres ficaria sem sancção, e nós, que tudo lhe sacrificamos, acabariamos por ser impotentes: não poderíamos gosar nem defender a liberdade!

Que mais vos poderei dizer, senhores? Não é já bastante evidente que para tudo quanto possamos emprehender o ho-

mem é nada enquanto está só, sente-se forte, cheio de confiança, capaz de todos o scommettimentos quando tem o auxilio dos outros? quando á seu lado se acha quem continue o serviço de suas mãos desfallecidas, ou lhe faça aquillo, que elle não sabe ou não pode aprender sem grande perda de tempo?

Estas proposições trazem o seu *contraste*, bem o vêdes. Ninguém poderá provar que ellas não sam verdades. Negal-as fôra negar a propria natureza humana, fonte visivel donde ellas defluem. Pol-as em duvida fôra duvidar do que á cada hora se observa—a precariedade de todas as nossas forças e de todo o nosso poder. Entretanto, sorte inevitavel de todas as verdades —dir-se-hia que para terem occasião de fulgir em todo o seu esplendor— ellas têm tido mais de um adversario, e eu entendo que devo dar-vos noticia das suas doutrinas, como meio de melhor firmardes o vosso juizo. Quero fallar das extravagantes ideias de Hobbes e Rousseau á respeito da formação das sociedades.

✕ Segundo Hobbes nem sempre os homens viveram em sociedade. Achando-se primitivamente num estado de isolamento, que elle chama *natural* ou da *natureza*, e do qual só sabiam para levar a guerra uns aos outros, sem que cada um tivesse mais que a sua força individual para resistir ás forças individuaes, que o atacavam, um dia lembraram-se de trocar esse estado pelo da sociedade, e para isso celebraram um pacto, que teve o nome de *convenção primitiva*. Isso ainda não é tudo. Hobbes preoccupou-se tanto com a ideia das guerras individuaes, que acreditou numa maldade congenita com os homens, e admittiu a dominação da força como fundamento de todas as sociedades. Á seus olhos a força de todos resumida e concentrada nas mãos de uma só pessoa

(o rei) era preferivel ao perpetuo combate dos individuos, e a sociedade, mesmo sob o jugo do despotismo, representava um progresso ou uma conquista da civilisação.

Segundo Rosseau as cousas devem ter-se passado do mesmo modo, mas com estas duas differenças. A primeira é que o contracto que os homens celebraram ao entrar para a sociedade, teve antes por fim *declarar a soberania absoluta de todos* do que o poder illimitado de um só individuo. Donde se vê que partindo do mesmo principio que Hobbes, emquanto este cahia no despotismo, Rousseau queria chegar á liberdade. A segunda é que tendo elle já por vaidade, já por desdem á critica dos seus adversarios, acabado por julgar verdadeira uma theze, que só defendera para fazer prova do seu talento — a de que as sciencias e as artes servem antes para corromper do que para depurar os costumes — foi de consequencia em consequencia levado a exaltar *o estado da natureza*, e negar que os homens possam voluntariamente submeter-se á chefes. Deste modo para explicar a formação dos povos e sua submissão aos governos, teve Rousseau de recorrer á um meio, que não é nem uma applicação do principio da força, nem uma consequencia da natureza humana, nem um sacrificio da liberdade individual. O effeito do seu contracto era formar um povo, que protegesse com toda a força commum a pessoa e os bens de cada um dos seus membros, e no qual estes só obdescessem á si mesmos, de sorte que o despotismo posto por Hobbes nas mãos do rei, Rousseau collocou nas mãos do povo.

Senhores, é proprio da natureza do espirito humano o começar este por desenvolver-se grosseiramente, e ir pouco e pouco se aperfeiçoando, de maneira que as phases successivas, que elle percorre no seu desenvolvimento, parecem mudanças cada qual a mais radical. Em outros termos, como a

infancia dos homens, a infancia da humanidade deve ter sido embalada por erros tristissimos. Debaixo deste ponto de vista concebe-se, pois, que os primeiros homens vivessem n'um estado tão imperfeito e violento, que mal poderia comparar-se á sociedade em que vivemos, mas que nem por isso deixava de ser sociedade: sociedade á seu modo e segundo o seu desenvolvimento. Assim não é mais que uma ficção o dizer-se que os homens resolveram deixar aquelle por este estado de cousas, celebrando para esse fim um contracto, que regulasse as relações da sua nova situação. De igual forma nos exprimimos quando dizemos que os meninos deixam os brincos infantis. Entretanto ninguem acredita que esse abandono provenha de alguma resolução: ao contrario todos sabem que elle apenas significa uma das naturaes transformações, por que passamos nos differentes periodos da vida.

Mas não é assim que pensam Hobbes e Rousseau. Elles são inimigos do progresso moral no sentido de que, sem o quererem, nol-o apresentam como impossivel. O primeiro não concebe outro direito que o da força, o segundo não vê a felicidade senão no isolamento. Para aquelle, como todos os homens *no estado da natureza*, têm iguaes direitos á universalidade das cousas, estão em necessaria e perpetua guerra, e esta não pode cessar sem que acima delles se estabeleça uma auctoridade onnipotente e despotica. Para este a sociedade civil e politica é um negocio como qualquer outro. Semelhante ás sociedades commerciaes, que formamos, os homens só permaneciam nella em quanto lhes convinha. Desde que isto não se desse, tinham o direito de volver ao seio da floresta!!

Temos aqui, pois, duas cousas a considerar: uma o puro *estado da natureza*, abstracção feita do character bellicoso, em que Hobbes vê os homens; e outra esse character mesmo.

A primeira vereis que é uma fabula, a segunda uma pungente injuria á humanidade.

Senhores a theoria do *estado natural* teve sua voga e sua epocha. Com seu auxilio a civilisação fez em França uma brilhante conquista. Foi isso no seculo passado. A sciencia procurava os meios de derrocar as theorias do direito divino ou das monarchias mandatarias de Deus, necessidade, que preoccupava todos os espiritos. É da natureza de todas as necessidades o acharem sempre uma porta que lhes dê sahida. Ora a melhor sahida, que aquella poderia então achar, foi o *contracto social* de Rousseau. Ainda que erroneamente por elle se explicavam, como creações do humano querer, a sociedade, seus direitos e seus deveres. A França pois accitou e propagou de tal forma essa doutrina que dentro em pouco ella produziu o effeito desejado. Esse effeito, quem o ignora?—foi preparar o povo francez para a grandiosa revolução de 1789, revolução, que, destruindo o erro depois de aproveitar a sua influencia, reivindicou a liberdade e os direitos do homem, e doou á humanidade todos os princípios constitucionaes, que ora sam correntes na sciencia do direito publico universal.

Mas já não ha quem aceite esse modo de pensar, antes elle é geralmente repellido como erroneo. Ir buscar o homem no isolamento, revesti-lo de todos os direitos e de todas as faculdades imaginaveis, e trazel-o assim transformado para o estado social, fazendo-lhe preferir este áquelle como uma especie de arranjo commodo e util, ou como um meio de embelecer-lhe a vida!... essa historia pode ser bonita, mas não é exacta. O homem, sabem todos, é um ser perfectivel, e quando nasce já traz em si o germen dos direitos que essa qualidade reclama; a sociedade não faz mais que regular o exercicio desses direitos. Hoje o lugar dessa doutrina per-

tence à theoria da soberania nacional, e ninguem desconhece que ella é um methodo *arbitrario* e *grosseiro* de explicar a sociedade em tudo semelhante áquelle, que Condillac, por meio da sua estatua, introduziu na metaphysica para mostrar a origem das nossas ideias. *Arbitrario*, porque suppõe que a sôciêdade não existiria se não fosse o abandono, que o homem fez do seu primitivo isolamento, da mesma forma que Condillac suppõe que o homem não teria ideias se não fossem as sensações, que lhe resultam da acção dos objectos exteriores. *Grosseiro* porque, alem de não chegar à seu fim emite principios, que se acham em flagrante contradicção.

Seus auctores tiram ao homem a sociabilidade natural, como Condillac tira-lhe os factos da consciencia ou a consciencia mesma. Ora uma vez despojado o homem dessas qualidades não ha meio algum logico de restituir-lh'as. Alem disso, os elementos do ser moral se modificam uns aos outros de tal modo, que depois de separados nada resta, que seja conforme á realidade; suppõe-se fallar de uma cousa e falla-se de outra; em lugar de se examinar o que é, examina-se o que não é. Portanto segundo esse systema tracta-se de um homem todo hypothetico, e proclamam-se principios, cuja applicação é impossivel tanto á elle como ao homem real. Á este por que fica sem direitos: o vicio da supposição destroe toda a applicação do principio do direito e do dever. Áquelle, porque, se elle não é naturalmente social e perfectivel, nem tem direitos a exercer, o dar-lhe essas qualidades é desnatural-o completamente, é obrigar-o a ser o que elle não pode ou não deseja ser, é sobrecarregar-o de um peso incommodo e inutil, ou o mesmo que formar um manequim e adornal-o de enfeites, que lhe tolhem todos os movimentos!

Deixai-me tomar emprestada uma ideia, que vem muito á proposito deste ponto.

O chimico decompõe a agua certamente quando quer subjeital-a aos seus exames. Mas por ventura elle se lembra de fazer a theoria desse fluido abstrahindo os elementos, que o compoem?— É evidente que se assim procedesse já não seria da agua que fallava.

O mesmo se dá com o estudo do homem. Ser dotado de sensibilidade, de intelligencia, de liberdade e de sociabilidade, todos os seus direitos, todos os seus deveres sam mais ou menos modificados por esta qualidade. Como já vos fiz ver quer na infancia, quer na maioridade, elle quasi nenhum passo dá na sua vida, que não seja dependente do principio da associação mais ou menos desenvolvido. Por conseguinte não se pode fallar em homem *extrasocial*, entendendo-se por isso o homem *real*, isto é, tal qual existe e não pode deixar de existir. O contrario seria como se fallassemos da natureza dos peixes suppondo que elles podem viver fóra do mar. Quem não vê que como a organização do peixe é subordinada á condição de viver no seio das aguas, a do homem é dependente da de viver na sociedade?

Os homens, pois, sempre viveram no estado social. Immutaveis instinços para ahí o levam, da mesma forma que para comer e para beber. E pretender-se que elles algum tempo viveram no isolamento fóra imaginar que os peixes nem sempre cumpriram a condição, á que sua existencia é subordinada, ou que as aves tendo sido destinadas a viver isoladas na terra, um dia deixaram esta pelo espaço e ahí aprenderam a voar em companhia. ✕

Chamma agora a nossa attenção o tal *estado de guerra*.

Senhores, quando vos disse que o *estado natural* teve sua

voga, não quiz referir-me á ideia das guerras individuaes, nem tão pouco á da felicidade no isolamento. Essas crengas nunca tiveram apoio fóra do espirito de quem pretendeu propagal-as.

Isto só e a sua manifesta inverosimelhança seria forte motivo para que eu deixasse de examinal-as. Entretanto não me furto á esse trabalho, mas vou fazel-o resumidamente, mesmo para não lhes dar uma importancia, que não merecem.

Já vos mostrei que não foi á uma potencia sanguinaria e terrivel que a natureza deu o imperio do mundo. Destinado para grandes cousas, e não obstante isso mais fraco que os outros animaes, o homem interroga a razão sobre os meios de poder mostrar que lhes é superior, e ella lhe diz que elles sam a paz e o auxilio mutuo dos seus semelhantes.

Ainda mais. Pela sua constituição organica, pela sua sensibilidade o homem sente prazer ou pena quando vê outro feliz ou desgraçado. Assim cada um de nós não tem só um instincto que o impelle para o meio dos outros; possuie tambem um sentimento innato de bondade, que o associa por assim dizer á sua sorte, e o leva a pensar nos meios de contribuir para a sua felicidade. Pode-se dizer mesmo que um como laço de parentesco moral prende todos os homens, e produz entre elles uma dedicação ás vezes semelhante áquella que produzem o nascimento e a educação entre os filhos dos mesmos pais.

Ora sendo assim não pensemos nem no estado em que nascem os homens, nem na ternura dos pais para com os filhos ou dos filhos para com os pais, nem nas affeições, que ligam entre si os membros de cada familia. Tudo isso é já desnecessario para ver-se que a humanidade pode ter tido uma infancia vergonhosa, mas nunca os homens viveram nesse

estado de guerra, que Hobbes descreve, e diz só ter cessado sob o jugo de despoticos poderes.

Estado de guerra!... Sabeis bem o que elle entende por estas palavras?—Nem mais nem menos que a negação de toda ordem moral que reina em nossa natureza! Para elle nunca existiram esses sentimentos de benevolencia e amisa-de, que os homens hoje revelam onde quer que se achem! Pais, mães, filhos, irmãos já foram indifferentes uns aos outros, como se nenhuma relação os ligasse entre si! Elles tinham sangue frio não só para ver como para provocar sua mutua ruina! A piedade que nós sentimos por todos os infelizes, ainda que sejam nossos inimigos, esse sentimento os homens nunca conheceram, fosse embora o infeliz aquelle ou aquella que lhes deu o ser!

Mas tudo isso que é o execravel na sua mais hedion-da expressão, no animo de quem pode parecer conforme á verdade? O homem inferior ás andorinhas e ao castor! oh! sacrilegio! Se os homens nascessem com essas entra-nhas, quem os defenderia uns dos outros durante os peri-odos de fraqueza, que nos são proprios?—Os pais? —En-tão esses mesmos perversos nos deixaram exemplos de bondade e amor! —Ninguem? —Então a raça humana teria cessado de existir antes do apparecimento de qual-quer poder. A ser assim os homens teriam a feroz nature-za desses animaes, que não distinguem a mão amiga da inimiga, e que, sempre respirando o mal, sentem uma es-pecie de irritação e de raiva diante de quaesquer seres vi-ventes! E como pois o seu estado natural era o da destrui-ção, nada os impediria de ser como os guerreiros de Cadmo, esses monstros fabulosos, que nasceram armados dos dentes de uma serpente, e um instante depois pereceram aos golpes uns dos outros! Entretanto, senhores, porque assim não

sucedeu? —É que a humanidade com todos os seus desvarios, com todos os seus erros, com todos os seus vícios, com todos os seus crimes, nunca se apartou inteiramente das leis do amor, ou sempre teve no amor do maior numero o mais firme e o mais fecundo sustentaculo da sua conservacão!

Refutada a theoria do homem *extrasocial e perverso*, ou provado que elle vive com seus semelhantes, porque não pode deixar de viver, e possui uma bondade natural, porque é intelligente e sensivel, destruida pela sua desnecessidade fica a hypothese do contracto, que se pretende ter elle celebrado ao passar para a sociedade.

Se tal dontrina fosse verdadeira, ainda hoje se encontrariam homens sem linguagem, sem raciocinio, sem moral e sem direitos. Mas ao contrario, não ha historiador, que deixe de mostrar que os homens sempre tiveram essas cousas em maior ou menor desenvolvimento. Como poderiam, por exemplo os lagos da paternidade tornar-se obrigatorios antes que os homens comprehendessem o facto de que isso deriva —a familia— assim como os meios de alcançal-o? Como conceberiam as vantagens da sociedade individuos, que nunca a experimentaram? Não é evidente que os homens não podiam se reunir e fazer um pacto sem possuirem uma linguagem commum para se entenderem, e uma forma de convencão para se obrigarem? E isso o que seria senão o já estarem reunidos em sociedade? Finalmente com que direito poderiam alguns milhares de homens celebrar um pacto obrigatorio para toda a sua posteridade? que sancção teria o seu pacto? se o celebraram para obterem a felicidade, não poderiamos nós rescindir-o logo que se nos tornasse pesado?!

Não obstante vós védes o contrario disso todos os dias succeder, ainda nas nações as mais infelizes. Ahi mesmo

longe de fazer com que se relaxem, todos fazem com que se estreitem as relações sociaes ; longe de desejar a liberdade do isolamento, cada um deseja a liberdade do gremio social; porque nesta é que encontra apoio para a sua fraqueza, fomento para a sua conservação, triumpho para a sua actividade !

Acabais de ver, senhores, que o estado social corresponde á uma necessidade commum da especie humana, e necessidade tão imperiosa que ninguem saberia illudil-a ou evital-a.

Se me permittis passarei agora a mostrar-vos que a sociedade em ponto grande não é a unica aspiração do nosso instincto socializador, ou que elle ainda se manifesta em menores proporções, e é susceptivel de tantos desenvolvimentos particulares quantas sam as necessidades physicas e moraes da nossa natureza.

É uma verdade universalmente observada que o laço social perde em força o que ganha em estensão e *vice versa*.

D'ahi vem que nenhuma sociedade pode satisfazer todas as necessidades particulares dos seus associados ; e daqui, que no seio de cada nação —a sociedade mãe por assim dizer— formam-se outras sociedades de circulos mais limitados, e que se distinguem pelo seu character de *facultativas e forçadas*.

Entre as associações forçadas apresenta-se em primeiro lugar *a communa ou o municipio*, facto reconhecido em todos os tempos e em todos os povos como a expressão mais natural das primeiras, especiaes necessidades dos habitantes de uma villa ou de uma cidade. O municipio é o primeiro filho da visinhança. Nenhum legislador o creou, mas todos o têm achado em frente de si. À medida que se afrouxam os laços geraes o municipio tende a se consolidar, e

o laço da vizinhança acaba algumas vezes por tomar o lugar do laço social. As relações municipaes sam pois susceptiveis de tal desenvolvimento que podem tornar-se hostis ao Estado. Mas á sabedoria dos legisladores cumpre regulal-as de forma que ellas evitem aquelle escolho, sem deixarem de produzir seus salutaes effeitos! É na communa que reside a força dos povos livres. As instituições communaes sam para a liberdade o que as escolas primarias sam para a sciencia. Graças á ellas a liberdade fica ao alcance do povo, e este aprendendo a gosar-a tranquillamente, contrahe o habito de não poder viver longe da sua influencia.

No numero das associações facultativas apparece a familia, sociedade mais restricta que deriva da organização physica e moral dos seres humanos, e que tem por base uma instituição muitas vezes atacada pelos espiritos fortes —o matrimonio.

Os adversarios do matrimonio combatem um quer que seja de semelhante a hydra de Lerne. Supprimi amanha essa instituição, e ella reaparecerá no dia seguinte ainda mais cheia de força e de vida. Porque?—Porque não se suprime a natureza. O matrimonio, que tem-se manifestado por toda a parte com as mesmas formas substanciaes, ha de reproduzir-se em todos os tempos e em todos os lugares emquanto a humanidade não ouvir soar a sua hora final. Todas as declamações que contra elle se fazem têm sua origem n'uma abstracção. Separa-se o casamento de tudo que o precede, como de tudo que o segue, ou não se olha para o seu principio nem para as suas consequencias. Em outros termos: estuda-se a instituição só no marido e na mulher, e não se vê que ella já por sua natureza, já por seu resultado e seu fim interessa tanto aos esposos como a sociedade inteira pela perpetuidade da especie, e pela criação de relações

patrimoniaes que perdurem eternamente para dar pasto á liberdade e actividade humana. Assim é que o matrimonio representa uma cadeia, que une as gerações umas ás outras. Seus beneficios só se comprehendem á luz da reflexão, e seus inconvenientes saltam aos olhos; porque provém de causas palpaveis e inherentes á natureza humana. Mas se uma leviana philosophia o desacredita, uma reflexão ordinaria o considera a ancora da sociedade.

O espirito da associação se manifesta ainda no culto, sociedade toda sentimental, onde só impera a lei do dever puro e sem coacção. Merecem essas associações toda a protecção, quer dos particulares, quer do Estado, porque aperfeiçoando os homens que lhes pertencem, contribuem poderosamente para a felicidade commum. Mas segundo creio uma profunda differença deve existir no modo pelo qual o Estado precisa de tractar a familia e o culto. O Estado não pode deixar de intervir em certos negocios da familia, mas o culto escapa á sua intervenção. Por toda a parte onde reinam sans ideias a missão do Estado para com o culto deve apenas consistir num incitamento benevolo e simples.

Eu desejára seguir o espirito da associação senão em todas ao menos nas suas principaes ramificações. Mas o cumprimento desse desejo levar-me-hia muito para fóra dos limites, em que devo fallar. A instrucção, a industria o commercio, as obras da intelligencia, a caridade... sam tantos os sentidos, em que se desenvolve a nossa sociabilidade que eu mal poderia contal-os. Basta dizer-vos que sem embargo de serem esses os seus principaes objectos, ella se manifesta sempre que a fraqueza de um indivíduo precisa do concurso de outro para conseguir um fim qualquer

Aqui, senhores, eu encaro outra verdade de que desejo vos compenetreis,

Depois da liberdade de trabalhar só a mais natural, que tem o homem, é a de combinar os seus com os esforços de outros afim de trabalhar em commum. O direito de associação me parece, pois, de sua natureza quasi tão inalienavel como o do trabalho. Nenhum legislador o poderia destruir sem tentar contra a liberdade e a sociedade mesma.

Estas poucas considerações assignalam perfeitamente a importância das associações particulares. Ellas são verdadeiras pedras de toque da iniciativa individual, vehiculos conductores de todos os bens, que possamos desejar, thermometros, por onde se pode conhecer o gráu da civilisação de um povo.

Se olhamos para os melhoramentos materiaes, ellas realisam aspirações, que à grandes homens pareceram impossiveis. Ainda o mundo não poude dominar o espanto da sua admiração por ver aberto o canal de Suez, essa obra titanica, que ha de ser sempre considerada o maior esforço do progresso no seculo 19.

Desde o seculo passado a Europa se preocupára com a ideia de encurtar a distancia, que a separava da Asia e da Africa. Mas muito tempo havia, que ella em face do parecer de uma commissão de engenheiros nomeada pela França para estudar os meios de remover as difficuldades naturaes da empreza, desistiu do seu intento sem conservar nenhuma esperança de realisal-o.

Entretanto em 1831 o acaso permittiu que o relatorio dessa commissão cahisse nas mãos de Fernando Lesseps, e só a leitura de uma pagina delle foi bastante para decidir da sorte dos continentes que se tractava de approximar. É a pagina, em que ella escreveu: « seria facil estabelecer communicação directa entre Suez e o Lago Amargo, e prolongal-a pela riba oriental do Lago Menzaleh até Pelusa, no ou-

tro mar, se não nos parecesse que a costa de Pelusa não admitte estabelecimento algum marítimo, que possa ser permanente.» A mesma pagina, que arrancou á Napoleão estas palavras, à Napoleão, note-se bem, o homem, que dizia não conhecer impossiveis. — « A cousa é grande, mas não serei eu que possa fazel-a — ».

A partir dessa epocha a ideia começou esse periodo de fecundação, que o mundo viu terminar com tanta felicidade. Lesseps apaixonou-se tanto por ella que nunca mais poudes tirar o pensamento do immenso, civilizador futuro, que resultaria da destruição daquelle isthmo estendido como um obstaculo invencivel entre os povos do oriente e occidente. E, quando menos se esperava os jornaes da Europa deram noticia do *firman*, pelo qual o governo turco o auctorisava a incorporar *uma companhia universal*, que unindo os mares separados por aquella barreira, estabelecesse entre elles uma passagem apropriada á grande navegação, e construise em um e outro os portos, que para isso fossem necessarios.

O extraordinario, sobrehumano esforço, que requeria um tão grandioso projecto á todos os olhos é patente ! Alterar a estrutura da natureza, rasgando uma barreira de 120 kilometros, (cerca de 28 leguas) e fazendo em seu lugar o leito necessario para se encontrarem dois enormes volumes d'agua cujos niveis se suppunham desiguaes ! . . . eu não vejo nisso unicamente uma empreza, que devia esmorecer á qualquer outro homem, que não tivesse o espirito de Lesseps, e nem confiasse tanto na energia da vontade humana. Penso mesmo que ella representa alguma cousa de providencial, sobretudo quando se attende ao heroismo de convicção, com que elle affrontou a crença geral da desigualdade dos mares.

Mas seja ou não assim, o certo é que elle, que nunca pou-

de admittir essa crença, e que pertence ao numero desses lidadores, para os quaes o obstaculo é um estímulo, e a luta uma chave, que lhes abre as portas da gloria, incorporou a companhia, venceu todas as complicações politicas, que a Inglaterra lhe oppoz e inaugurou seus trabalhos no dia 25 de abril de 1859!

Longos e penosos foram esses trabalhos! mas estão concluidos! O canal de Suez é hoje uma realidade, graças á qual a civilisação, que outróra passou do oriente para o occidente, vencendo immensas distancias, e superando mil embaragos, visita suas antigas moradas, para reanimal-as ao calor vivificante do seu espirito novo, quasi com a mesma facilidade, com que percorre o continente da Europa!

Se do mundo exterior passarmos para o mundo moral, que milagres não veremos produzir o poder da associação!

Da mesma ou de diversa classe, desde que alguns individuos bem intencionados se associam, pode-se dar como certo que seu espirito se illustra, seus costumes se depuram, sua moral se eleva. E para crel-o basta ver que seja a sua bandeira qual fôr — a instrucção, a industria, os soccorros mutuos, a caridade, a politica, — o seu fim, como os seus meios, é a virtude e a honra.

Não ha mesmo escolas, que preparem o homem para viver feliz na sociedade politica, á que pertence, como as associações particulares. Ainda ha pouco vos disse aproveitando uma expressão de Tocqueville, que ellas sam para a liberdade o que sam as escolas primarias para a sciencia. A deliberação em commum, as reuniões geraes dos socios, a estricta observancia dos seus estatutos, a economia social, a escolha dos seus mandatarios, os votos de censura e louvor, que á seu respeito se fazem, e todos os mais actos, que ahi se practicam, sam por assim dizer miniaturas dos actos, pe-

los quaes os povos se governam e se fazem representar. Ahí é que aquelles, que até então não imaginaram a força, que podem ter pela união, vêem essa verdade a cada instante se manifestar. Ahí é que melhor se mostra o em que consiste a tão desejada igualdade dos homens. Ahí finalmente é que estes liccionados pela experiencia da vida se reúnem sob a bandeira das ideias politicas, que julgam proveitosas, e em commum proseguem a sua realisação.

Senhores, eu sei que não duvidaes da sinceridade com que vos fallo. Entretanto sei tambem que espirito algum adquirir profundas convicções sem proceder á minuciosos exames, e por isso julgo-me obrigado a demorar um pouco mais o fim da nossa conversa.

Ha entre nós duas sociedades, que posto não tenham circulos muito largos, estão produzindo grandes resultados. Invoco para ellas a vossa attenção: fallo unicamente dellas porque são as que mais conheço. Uma é a *Sociedade dos ourives*, outra é a *emancipadora de escravos*.

Á quantas creaturas esta não tem restituído a liberdade? Quantos enfermos aquella não tem arrancado á morte duplamente angustiosa da molestia e da miseria? Que de lições de economia e de moral não vai na adquisição dos meios indispensaveis á realisação do programma quer de uma, quer de outra? E quem ha que observe o seu procedimento sem abençoar esse laço fecundo, que unindo e fortificando os homens dá-lhes meios de fazerem o que cada um bem quizer fazer sem poder executar?

Mas não paremos aqui. E na falta de outros exemplos *de casa*, convido-vos a reflectir sobre a noticia, que vou dar-vos do espirito de associação na Inglaterra, nos Estados Unidos e na França. Della vereis como nesses paizes elle faz parte dos costumes dos povos; como os homens com gran-

de successo se associam para tudo; e como as associações lhes têm alcançado verdadeiras conquistas.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos a industria e a politica sam os principaes alimentos do espirito da associação. É sabido mesmo que tanto a industria como a politica lhe deve grande parte dos seus progressos. Na França também os homens se associam com fins politicos e industriaes; porem a gloria das suas associações está na propagação das ideias humanitarias e phifantropicas. É principalmente por instituições de philanthropia e previdencia em favor das classes pobres que o principio da associação ahi revela a sua existencia: donde sem duvida vem o chamar lhe certo escriptor a patria da caridade.

O filho dos Estados Unidos aprende desde menino que é de si mesmo, que deve esperar todo apoio e todo recurso necessario para lutar contra os males e os embaraços da vida; e não lança os olhos para o poder social senão em ultimo caso, quando lhe é absolutamente impossivel dispensar a sua intervenção.

Um embaraço qualquer se manifesta no meio de uma via publica, interrompendo a circulação e embargando o passo dos transeuntes. Pensaes que os interessados vam, como aqui, pedir à vereação ou à policia que mande desobstruir a rua? Longe disso! os visinhos estabelecem logo um corpo deliberante, e dessa momentanea associação, ou improvisada assembléa, como lhe quizerdes chamar, sahe immediatamente um poder executivo, que remediará o mal antes que a ideia de recorrer á auctoridade passe pelo animo de qualquer cidadão.

Se se tracta de uma festa, o auctor da ideia procura formar uma associação para lhe dar mais importancia e mais esplendor.

Se é preciso resistir á costumes perniciosos ou á inimigos intellectuaes, a associação é a trincheira diante da qual todos elles se prostarão. Nenhum de vós ignora que nos Estados Unidos combate-se em commum a intemperança, e fundam-se associações tanto em prol da segurança publica, como em prol da politica, da moral e da religião.

Entre nós ninguem se lembraria de crear associações com o fim de enviar missionarios aos indios. Nos Estados Unidos muitas têm existido e existem com esse intuito, produzindo sempre admiraveis resultados.

Assim védes que ali nada ha que a vontade humana desespere de obter pela livre acção do poder colectivo. Onde apparece um jornal muito dado á defeza de certas ideias, já se sabe—é o orgão de uma associação.¹ Se o estrangeiro depara com uma empresa, que pela sua importancia aqui só o governo abordaria, essa empresa é de uma companhia, ou de uma associação!. Dé modo que as associações sam as principaes arterias da vida, que pulula no seio d'aquella nação.

Na inglaterra succede o mesmo que nos Estados Unidos. De lá foi que para aqui veio esse gosto pelas associações, á que os americanos têm dado o character de paixão. Não ha povo que tenha como o inglez, mais antigo e mais forte habito de associar-se. E—phenomeno observado entre todos os povos, que amam esse poderoso meio de acção— é por isso que elle difficilmente supporta a intervenção do governo n'aquillo, que não é da sua estricta competencia. A differença está unicamente em que os homens se associam mais para aquelles fins, que condizem com o seu genio e dam ás associações uma organização toda especial.

O commum das associações na Inglaterra é serem organisadas sob a ideia hierarchica, que ali tanto predomina. Prin-

(1) Nos Estados Unidos nenhuma sociedade pode prescindir de um jornal.

principalmente as industriaes, quasi todas sam organisadas á maneira de exercitos. Todos os obreiros estam no caso de aspirar a honra suprema: a condição é passarem pelos gráus inferiores. E —sem indagarmos se isso poderia convir á todos os povos— o certo é que com esse systema tanto lucra a moralidade dos obreiros como a solidariedade da associação. A instituição dessa honra industrial faz com que todos a ambicionem e se esforcem não só para serem dignos della, mas tambem para não relaxar-se o estabelecimento, em que depositam todas as suas esperanças, ou em que têm de ser obedecidos.

Da França o que vos direi senhores? —Para fallar só das instituições philantropicas, contar-vos-hei a história de uma das mais sympaticas sociedades, que a França tem tido. Por ahí julgareis o resto.

Pelo anno de 1832 alguns emprezarios de industria de Nantes emprehenderam a difficil tarefa de crear nesta cidade uma população ao mesmo tempo intelligente e honesta, e para esse fim fundaram uma sociedade com o nome de Sociedade Industrial.

Fundada sem outros recursos que os donativos de seus membros e as modicas contribuições do conselho do departamento e do municipio, ao que seu presidente honorario adjunctou uma annuidade proporcional aos seus rendimentos, parecia que essa sociedade nada poderia fazer. Mas assim não succedeu. Acreditando que era melhor começar pela educação da mocidade, seu primeiro empenho foi abrir cursos de instrucção primaria, grammatica, geometria, calculo, moral e desenho, onde recebia em apprendizado centenaes de meninos, que sendo applicados ao mesmo tempo ao trabalho e ao estudo, tinham alem das vantagens deste, no fim de cada mez uma gratificação correspondente aos seus serviços.

Mais para odiante, quando seus recursos o permittiram, abriu aulas para adultos, e estabeleceu para estes, alem de uma caixa de reserva, um cofre de soccorros mutuos, que mediante uma contribuição de cinco soldos (5 soldos !) assegurava-lhes no caso de molestia a assistencia de habeis medicos e o sustento de suas familias. Animada com os resultados, que sempre coroaram os seus esforços, a sociedade finalmente instituiu premios para os aprendizes, que mais se distinguissem, e fundou uma bibliotheca para os obreiros que estivessem no caso de estudar sobre si. Ora á julgar pelo exposto, e sem querermos saber se ainda existe essa importante sociedade, não vos parece que devem ter sido incalculaveis os beneficios que ella fez ás classes operarias? ! —Eu imagino tantos que ficarieis admirados de ouvil-os. Mas não os direi, que sinto faltar-me o tempo. Só vos direi duas cousas : A primeira é que o escriptor, á quem pedi estes dados, e que bem conhecia Nantes, diz que, quando terminou o apprendizado dos primeiros meninos, já se notava uma grande differença quer nos seus operarios, quer nos seus productos. A segunda é que mesmo na epocha da sua maior prosperidade a Sociedade Industrial de Nantes não girava senão com alguns milhares de francos ! Tanto é certo que a associação tem como a fé o dom de realisar milagres, ou que ella tambem sabe o segredo da multiplicação dos pães !!

Na França, senhores (haveis de permittir que ainda falle da França, a nação que tem tido a gloria de iniciar todas as grandes ideias, que fazem honra á civilisação, e que por isso mesmo hoje tanto soffre do vandalismo da Prussia) na França digo já houve quem pensasse e ainda ha quem pense em pedir ao poder da associação o meio de extinguir a luta, que traz divididos os burguezes e os obreiros, os capitalistas e os trabalhadores. É crença desses generosos espiritos que

chamando-se os obreiros a participar dos lucros dos estabelecimentos, e garantindo-se-lhes certas vantagens,¹ com que isolado nenhum pode contar, seus odios pouco e pouco se arrefecerão, e capitalistas e obreiros um dia fraternisarão como amigos, que se procuram benefícios communs. E elles tem razão. Sua ideia tem ao meu ver um alcance tão transcendente, que ella é que devia ser a bandeira do communismo (communismo de benefícios) nunca a extincção da propriedade, que é a raiz da vida, o apoio do proprio trabalho, e a seiva de todos os outros direitos do homem. A difficuldade está nas combinações practicas, que regulem a pretendida participação. Mas isso é questão de tempo: virá com vagar, como veiu o vapor, como veio o telegrapho, como têm vindo e virão todos os melhoramentos. No dia em que a associação offerecer ao operario, alem dos meios de ter uma sadia e abundante alimentação, em tempos ordinarios e extraordinarios, um modo de instruir-se e educar seus filhos, e a esperanza de ter no futuro o seu capital para trabalhar sobre si e prosperar, nesse dia digo, estará tudo conseguido. Elle despirá todos os seus odios, se convencerá de que a de-

(1) Vg. o fornecimento dos generos alimenticios por preços determinados, a fundação de escolas para meninos e adultos, e a criação de caixas de soccorros e futuros capitaes.

Mrs. Chevalier e Pecqueur propõem como meio muito efficaz que dividido o salario em trez partes —um minimo, uma parte eventual nas economias da produção, e outra nos lucros liquidados do estabelecimento— seja a metade desta quota depositada em partes iguaes nas caixas de reserva e de soccorros, e as outras entregues ao obreiro.

Com effeito parece evidente que assim interessado o obreiro, tanto nos lucros como nos gastos do estabelecimento, nem este nem o seu pessoal pode deixar de prosperar.

Demais deixando o obreiro de ser simples machina de trabalho para ser socio, e consequentemente um homem responsavel pela sua felicidade, o estabelecimento não lhe parecerá mais um lugar de supplicio, onde se cevam odios eternos, porem o cadinho de uma lenta, mas segura, emancipação.

sigualdade das fortunas é uma lei natural, que não se pode supprimir, por que —já vos disse— não se supprime a natureza, verá no estabelecimento não o inferno de uma perpetua escravidão, mas o palladio da sua liberdade, deixará de appellar para as revoluções afim de tudo esperar da sua habilidade e do seu trabalho, e abençoará mesmo o iustamento á sombra do qual este pode fructificar !

Senhores, não vos parece assombroso o poder das associações? não acreditaes que uma associação bem montada e derigida é um thesouro de inestimavel valor?

—É verdade !

Entretanto no nosso paiz, especialmente na nossa provincia quasi ninguem procura explorar esses thesouros ! O espirito de associação no Brazil é um infante, que tendo cahido ao ensaial os primeiros passos fica com medo de tornar a experimentar suas forças. Já não fallo dos grandes estabelecimentos industriaes fundados e sustentados por associações. As cousas mais simples que por esse meio queiramos conseguir raramente sam alcançadas pela razão de que as associações sam tão ephemerass, que quasi sempre morrem antes do seu primeiro anniversario, sem terem nem feito nascer nos homenss o estimulo necessario para novos tentames, nem levantando um protesto contra a indifferença votada á ideia que representam. Ellas nascem e morrem ás vezes sem deixarem por signal da sua existencia senão a inimidade entre alguns dos seus membros.

Que cousa será mais simples do que crear-se uma caixa de reserva, ou um cofre de socorros mutuoss, como o da Sociedade dos ourives, o qual proporciona aos contribuintes os meios de se alimentarem e tractarem por occasião de molestia ? Todavia caixa de reserva não me consta que exista alguma nesta cidade, e esse mesmo cofre de socorros que ex-

iste não é sustentado senão por um pequeno numero de artistas. A prova é que existindo a sociedade, que o creou, ha perto de doze annos o livro da inscripção de seus socios não conta nem duzentos nomes! E creio que não será sem muita difficuldade que os nossos industriaes chegarão a conhecer assim o principio de economia, que manda pensar no futuro, como meio de impedir o dispendio de todo lucro de cada dia, como o da moral que considera roubar á seus filhos o individuo que, sem cuidar no bem delles, foge das associações dessa natureza, e gasta sem necessidade hoje o que amanha lhes seria preciso.

Senhores, já que tocámos neste mal, é necessario saber a causa delle.

Qual será ella? —No meu pensar tudo isto acontece por duas razões tão simples como faceis de remover.

É a primeira que os nossos homens por falta de instrucção pensam que nada lucram com as associações, e nem sempre acham quem lhes mostre que sem ellas nada seremos. Porque depois de cada serviço, que lhes prestam, não vêem um proveito pessoal immediato, abrem mão da empresa e deixam-na morrer nos parciais da indifferença, quando é certo que não está nem no nosso dever nem no nosso interesse o trabalharmos só com a mira em proveitos d'aquella natureza. Só desejar bens immediatos é querer conseguir as cousas sem trabalho, ou romper com a paciencia e constancia, que pela nossa e pela natureza das cousas sam indispensaveis para todos os empreendimentos, e o que é mais apagar em nosso espirito a ideia do futuro, essa ideia que tanto exalta a nossa existencia, ou que tanto nos separa dos brutos. E só fomentar o bem individual, como se tem verificado que este cresce ou decresce na razão directa da grandeza ou pequenez do social e *viceversa*, é a maior illusão do homem

egoista. Só a nossa ignorancia dá lugar à um tal pensamento. O certo, o sabido de todos os povos, onde predomina a influencia da instrucção é que o egoismo tem isto de contradictorio : por um lado parece que é muito proveitoso ao homem o cuidar só de si, mas por outro tende a estancar a fonte, donde emanam os seus proveitos. Imaginai que aqui não ha bancos, e que os capitalistas desta cidade se reúnem e concordam que o seu dinheiro só será emprestado à juros de 20 %; porque não querem que os pobres enriqueçam com os seus capitaes. Pode com effeito parecer isso do seu interesse ; 20 % é um premio que fascina ! Mas como não ha empresas, que possam dar meios de pagal-o, a consequencia do accôrdo entre os capitalistas será o ficarem inertes os seus capitaes, ou só sahirem das burras para um ou outro individuo, que necessariamente se arruina e nunca mais os restitue.

O contrario se dá com o procedimento d'aquelles, que procuram conciliar o bem proprio com o dos outros, ou o bem individual com o social. Para esses os *dois bens* são cousas que se completam reciprocamente, ou que se podem chamar correlativas. Se os homens de tal sociedade pela maior parte sam felizes, ella participa da felicidade delles : e reciprocamente se tal ou tal individuo entra para uma sociedade prospera, elle sem duvida participará da sua boa sorte. Que-reis ver como esta escola mesmo que parece nada render para os que a sustentam está no interesse de todos ? Hoje apenas temos um ou outro artista intelligente e capaz de satisfazer ; a maioria delles e do povo mesmo, compõe-se homens que se embaraçam e compromettem seus fins diante das menores difficuldades. Precisaes de uma rica mobilia, tendes de pedil-a ao estrangeiro, de um bom machinismo o mesmo vos succede. Uma empresa qualquer exige que te-

nhaes diversos auxiliares, um delles, quando muito, poderá trabalhar fóra da vossa presença! Uma questão exige que produzaes testemunhas... ellas posto saibam da verdade, que quereis defender vam pela sua inepecia comprometter o vosso direito. E assim em tudo mais. Entretanto imaginai que a escola não morre, e que como ella muitas outras se abrião: qual será a consequencia?—Como ellas darão todos os annos á sociedade muitos homens educados para a industria e para os ordinarios misteres da vida, no fim de algum tempo acharemos facilmente entre nós os homens e as cousas, de que precisarmos. Assim parai o curso da instrucção publica: daqui à 20, 30 ou 40 annos teremos permanecido neste estado, ou o que é mais certo, contribuido para tornalo peor; dai-lhe toda a protecção: dentro em poucos annos o nosso sacrificio de hoje estará pago com usura. Donde se vê que ha só um meio de ser o homem egoista sem se degradar e conspirar contra os seus proprios interesses. É cumprir cada um os seus deveres sociaes para que os outros façam o mesmo, é cada um interessar-se tanto pelo bem geral que se torne uma realidade a regra — *Um por todos todos por um*—.

A outra causa do nenhum espirito de associação entre nós é a compressora acção que o governo exerce sobre as associações.

O governo quer fiscalisar o procedimento das associações! Que o faça. Mas não haverá um meio de fazel-o sem prejuizo para ellas? Ha sem duvida, e consiste apenas em deixal-as proceder com liberdade. A associação considerada em globo deve ser tractada como os individuos em particlhar: o procedimento dos individuos é sempre observado pelos agentes do poder; mas estes não têm o direito de intervir nas suas acções senão quando elles se prejudicam uns aos ou-

tros. Assim é um principio verdadeiro que nenhuma associação deve esperar a approvação dos seus estatutos para poder funcionar, nem o governo tem o direito de escolher seus superiores. Ella que escolha homens capazes, e estabeleça os seus estatutos de modo que não prejudiquem as instituições do Estado. Se assim não fizer queixar-se-ha só de si; os máus superiores cavarão a sua ruína, os estatutos hostis às leis não serão cumpridos como nullos.

Este é o costume e o direito de todos os povos livres—os Estados Unidos por exemplo. Ahi o governo não tem que approvar estatutos de sociedade alguma, como não tem que dirigir nenhum cidadão para evitar que elle commetta crimes: tem simplesmente o poder de restaurar as instituições quando alguma clausula as prejudica, e o de punir o acto com a pena em que elle incorreu. Se lá o governo pretendesse nomear presidente para alguma sociedade, os cidadãos se julgariam escravizados: veriam o despotismo dentro de suas proprias casas!

Mesmo para fins politicos as associações nos Estados Unidos sam completamente livres. A prova é que uma simples associação deu garrote na tarifa, que engrandecia o norte com detrimento do sul, e restituiu ao commercio a sua liberdade.

Entre nós as cousas se passam diversamente. Sob o pretexto de impedir que as associações prejudiquem as leis do Estado, o governo vende por alto preço a approvação dos seus estatutos, e o que é mais, approvados elles, colloca-as em tal dependencia de si que ellas quasi si convertem em corporações de funcionarios publicos. Ora comprehende-se perfeitamente quanto é repugnante esse modo de associação. Ella assim fica sem attractivo e sem força. Todos querem associar-se, tendo a liberdade de modificar quando lhes con-

vier o seu programma, ou de mudar de presidente quando lhes parecer necessario. Mas ninguem quer associar-se com a obrigação de levar seus estatutos ao *visto* da auctoridade antes de começar a funcção, e todas as vezes que os modificar, quando elles sam o instrumento de um contracto como qualquer outro, que se pode celebrar em casa do tabellião, ou de aceitar pelo tempo que parecer ao governo um superior que não elegeria. O homem —diz um auctor—só se associa para tornar a liberdade inexpugnável e fecunda, não para restringil-a ou sacrificar-a. Assim peiada a associação é um abandono da liberdade; livre desses estorvos não é só um dos seus mais sagrados asylos, é tambem uma das maiores forças e uma das mais bellas esperanças da propria sociedade.

Trabalhemos, porem, contra estes males, e tenhamos fé no futuro senhores.

Na nossa provincia, no Brázil todo parece que os homens começam a se compenetrar dos seus direitos e dos seus deveres sociaes. E isso me faz crer que a luz intima que os dirige por esse caminho, ha de impellil-os não só para os esforços, como para as lutas, que lhes é preciso ferir afim de não estacionarem nem retrocederem no meio da jornada em frente à erros e prejuizos tão grosseiros como os que acabo de censurar.

É de todo o sentimento o expandir-se e desenvolver-se. À medida, pois, que as verdades sociaes forem penetrando no nosso espirito é preciso que tractemos de realisal-as. Seja a nossa divisa a regra —*Um por todos todos por um*. Só assim poderemos chegar às plagas da nossa promessa; só assim o Brazil poderá subir ao fastigio da grandeza, que Deus lhe tem destinado.